



AUTISMO: DESAFIOS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Dulcinéia Andujar Conchon¹; Sonia Maria de Campos²; Mirian Bambine Souza³

¹Acadêmica do Curso de Pedagogia, EAD, UNICESUMAR. Bolsista PIBIC/UniCesumar.

²Orientadora, Profa. Mestre do Curso de Pedagogia do Núcleo de Educação à Distância, UNICESUMAR.

³Especialista, do Curso de Pedagogia do Núcleo de Educação à Distância, UNICESUMAR.

RESUMO: O objetivo desse estudo é analisar o ensino e a aprendizagem das crianças diagnosticadas com autismo no decorrer dos seus estudos nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A lei 12.764/2012 garante o direito da pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em obter atendimento adequado no ensino regular, por isso torna-se imprescindível assegurar sua inclusão. A pesquisa envolve um levantamento bibliográfico relacionado ao processo de ensino e aprendizagem da criança com autismo, sendo relevante diante das necessidades sociais da atualidade. Para isso foi elencado o que há de mais pertinente para o melhor aprofundamento no assunto, além de informações de autores renomados em relação ao autismo, nas quais os estudos abordam como trabalhar o desenvolvimento da criança com esse transtorno. Com os levantamentos feitos no decorrer da pesquisa pôde-se chegar à compreensão de que a criança com autismo consegue construir o conhecimento científico, apesar de aprender a seu tempo de uma forma mais lenta do que alunos neurotípicos.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo. Aprendizagem. Inclusão.

1 INTRODUÇÃO

O Autismo é uma Síndrome que ainda apresenta alguns mistérios na sua compreensão, o que todas as pessoas com autismo têm em comum baseiam-se em três características: dificuldade de comunicação; deficiência nas interações sociais; e estereotípias – que são os comportamentos inadequados. Mesmo tendo estas três características as pessoas com autismo são diferentes entre si, pois há uma variedade de graus que determinam a posição do espectro dentro das características.

Diante desse quadro, é questionado como é possível trabalhar o ensino e aprendizagem da criança com autismo? Para isso, é preciso analisar os meios que devem basear-se na rotina, o uso do concreto, os aspectos sensoriais. Para assim, poder compreender qual a maneira correta de utilização dos métodos de ensino pelo professor, para proporcionar a aprendizagem dos conteúdos acadêmicos e sistematizados.

Sendo assim, o objetivo da pesquisa é de apresentar os pontos relevantes de atuação junto à criança com TEA em sala de aula, e buscar entender como proceder para melhorar o ensino e a aprendizagem. Dessa maneira, contribuir para a inclusão nos primeiros anos do Ensino Fundamental, além de observar a possibilidade de melhorar o desenvolvimento intelectual, cognitivo, e conseqüentemente, social da criança com autismo.

Conseqüentemente, é preciso entender os meios das ações dos profissionais da educação, analisando suas posturas diante do preconceito à deficiência ou diante do potencial da criança. Ou seja, como os professores reagem frente aos percalços educacionais para alcançar o desenvolvimento da criança portadora de TEA.

Para isso, primeiramente, foi feito um levantamento sobre como ocorre o desenvolvimento da criança com autismo. Na sequência abordado o Transtorno do Autismo e suas características. Posteriormente, como ocorre a convivência do indivíduo. E finalmente, analisados os desafios da inclusão e quais os meios de intervenção, o atendimento multifuncional, e qual a maneira de melhorar o



atendimento, a permanência e a aprendizagem da criança incluída nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Autores abordados analisados foram: Bosa (2002), Cunha (2014; 2015; 2016), Orrú (2012), Serra (2010; 2018) e Whitman (2015), e também outros autores renomados que contribuem com estudos pertinentes ao tema da Inclusão. Também se observou o desenvolvimento infantil e a teoria interacionista de Vygotsky (1991; 2010) aplicada ao autismo por meio de métodos de interação social e a metodologia de Piaget (1999) quanto à Epistemologia Genética.

Diante disso, os familiares, professores e a sociedade de modo geral precisam entender o universo particular da pessoa com TEA e procurar se adequar a seu mundo, e não querer impor o contrário. E imbuídos deste objetivo, é que os resultados dessa pesquisa são importantes para a sociedade.

2 MATERIAL E MÉTODOS

A presente pesquisa é de cunho bibliográfico, na qual realizamos um levantamento por meio de livros, periódicos e artigos de autores renomados em relação ao transtorno do espectro autista. Ela envolve como ocorre o processo de ensino e aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental em alunos autistas. Para observar o desenvolvimento de portadores de TEA é preciso respaldar em como ocorre o desenvolvimento da criança neurotípica, assim, abordamos a teoria do desenvolvimento humano na concepção histórico-social. Também observamos quais meios de intervenção, atendimento multifuncional, métodos de ensino e aprendizagem que proporcionam um trabalho mais efetivo para o desenvolvimento do aluno autista. Esse trabalho traz uma reflexão dos desafios da inclusão nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os primeiros estudos sobre o autismo foram feitos pelos médicos Leo Kanner (1943), psiquiatra austríaco radicado nos Estados Unidos, e Hans Asperger (1944), pediatra austríaco, ambos estudaram crianças com problemas de comunicação, falas repetitivas, insistência na rotina e inabilidades sociais. Asperger (1944) observou as peculiaridades dos gestos-estereotipados e sem significado, além de uma fala com bom vocabulário, sem problemas de gramática, porém monótona (BOSA, 2002).

De acordo com o DSM-4 o autismo é entendido como uma síndrome, por haver um misto de características, na qual o indivíduo apresenta dificuldades nas seguintes áreas: interação social, comunicação e comportamentos restritivos e repetitivos, sendo que, tais dificuldades ocorrem em diversos níveis que abordam o espectro (WHITMAN, 2015).

No DSM-5 mencionam-se os níveis de autismo, que são: 1 - crianças bastante funcionais que necessitam de pouca intervenção; 2 - crianças relativamente funcionais que necessitam de muita intervenção; 3 - crianças muito pouco funcionais, apesar de muita intervenção (GADIA; ROTTA, 2016 *apud* CAMPOS, 2018, p. 99).

Apesar das dificuldades que os indivíduos enfrentam Whitman (2015) esclarece que são errôneos alguns mitos postos em relação ao autismo, por exemplo, não sorriem, não demonstram afeto, não olham nos olhos, não brincam, pensam abstratamente. Esses equívocos são remanescentes de uma época em que os indivíduos autistas eram internados em instituições psiquiátricas e recebiam somente cuidados físicos elementares. Na realidade os indivíduos apresentam as características do autismo de maneira muito diversa um dos outros, tanto nos aspectos de seu temperamento e personalidade, quanto em suas potenciais competências.

O autismo é um distúrbio global do desenvolvimento, que consiste em uma Síndrome, pois há diversos quadros que compõem os TEAs que causam uma desordem no desenvolvimento, também denominado Distúrbios do Espectro do Autismo (*Autistic Spectrum Disorder – ASD*). Há cerca de três a



quatro meninos para cada menina, e as três áreas comprometidas em todo indivíduo com autismo são: interação social, comunicação e comportamento.

A denominação espectro é devida ao variado grau de comprometimento entre os níveis do transtorno – leve, moderado ou severo. As manifestações variam devido à “gravidade da condição autista, do nível de desenvolvimento e da idade cronológica; daí o uso do termo espectro” (SERRA, 2018, p. 134). Há autistas que apresentam retardo mental não sendo verbais como também, outros habilidosos, inteligentes, verbais e independentes. Esse comprometimento dificulta a linguagem e prejudica a interação social, já que a linguagem tem um papel determinante na relação social e essa inabilidade de caráter social causa problemas comportamentais de aspectos restritivos e repetitivos (WILLIAMS; WRIGHT, 2008).

O distúrbio de espectro autista surge geralmente nos três primeiros anos de vida, porém não há uma idade determinada, também não há um padrão fixo na forma da manifestação, além disso, sua base genética ainda é desconhecida. Os sintomas variam de pessoa para pessoa, assim como o grau de comprometimento. Também conforme a criança cresce alguns sintomas tornam-se mais evidentes e outros tendem a diminuir, o que demonstra que o autismo é tratável. (WILLIAMS; WRIGHT, 2008).

Para Whitman (2015) diagnosticar o autismo precocemente é muito difícil, já que há uma variabilidade no desenvolvimento entre as crianças neurotípicas, e por isso os médicos não costumam expressar preocupação, a não ser com marcos importante do desenvolvimento, tais como, sentar, engatinhar e caminhar. E geralmente os pais procuram os médicos devido ao atraso na fala (SERRA, 2018).

As características sociais, que representam as maiores dificuldades das crianças autistas, costumam dar sinais de problema por volta dos três anos. Além das variabilidades entre o desenvolvimento de criança para criança, há as variações nos níveis de autismo por se tratar de um transtorno de espectro.

Crianças com o transtorno podem apresentar retardo mental grave, ser intelectualmente normais ou ter capacidade mental superior; podem ser não verbais ou muito competentes, em termos linguísticos; podem ter deficiências motoras, problemas sensoriais e médicos, ou não exibir qualquer desses problemas; pode ou não haver manifestação de sinais de hiperatividade, prejuízos auditivos, convulsões epiléticas, deficiências do sistema imunológico e diferentes problemas comportamentais, como autoagressão e agressividade voltada a outros (WHITMAN, 2015, p. 240).

Diante do mencionado por Whitman (2015) as pessoas com autismo apresentam muitas dificuldades de comunicação, e isso gera dificuldades de interação e de comportamento. Esse é o grande desafio de trabalhar com os alunos com TEA na escola regular. O professor precisa buscar conhecimentos para auxiliar esse aluno. Orrú (2012) menciona a importância da teoria interacionista para uma aprendizagem mais significativa para o aluno com autismo.

O desenvolvimento do indivíduo com autismo depende do contexto social, a interação com as pessoas proporciona meios de superação das características autistas. A partir da interação o aluno com autismo consegue ser incluído na sala de aula, e assim, diminuir as estereotípias. O convívio com os alunos neurotípicos fornece experiências novas e afetivas tanto com as pessoas (professor, alunos) quanto com a aprendizagem.

Essa importância de aliar aspectos interacionistas e afetivos, tanto nas relações sociais e pedagógicas quanto no atendimento terapêutico também está exposta no trabalho de Cunha (2014), que faz uma enumeração de atividades a serem trabalhadas com o aluno que tem autismo e afirma que tais práticas devem possuir caráter terapêutico, social, pedagógico e afetivo.

Os objetivos são:

Terapêutico - superar comportamentos inadequados; social - proporcionar atividades em sala de aula comum, desenvolvendo a interação entre o aluno autista e os outros alunos; pedagógico - ajudar na conscientização de sua história para aprimorar sua individualidade como aprendiz; e



afetivo - criar o vínculo com o processo de aprendizagem, com o professor e com o espaço escolar, pela mediação do interesse e do desejo, em atividades lúdicas e educativas (CUNHA, 2014, p. 54).

Percebe-se então, que o ensino de convenções sociais é extremamente importante para o desenvolvimento da criança. Apesar de não aprenderem com facilidade é necessário tentar fazer a criança internalizar a regra. É preciso criar o vínculo entre a criança e seus pares mediado pelo professor, e também criar a vontade de aprender os conteúdos acadêmicos e a convivência social.

Quem convive ou trabalha com alunos que tem autismo deve sempre lutar pelo seu desenvolvimento geral, pois, é válido “[...] tentar desenvolver atitudes, crenças e estratégias positivas para enfrentar a situação” (WILLIAMS; WRIGHT, 2008, p. 30).

Desde 2008, a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva determinou que todos os alunos com necessidades educacionais especiais sejam matriculados em turmas regulares. Porém, essa visão integracionista ditava que “[...] uma criança com deficiência só permanecia em uma sala regular se acompanhasse o ritmo da turma” (CALLEGARI; VEROTTI, 2009, p. 1). Apesar de diversos profissionais desistirem dos alunos especiais, houve aqueles que superaram as expectativas. Portanto, não basta aceitar a criança na sala de aula e não fornecer um trabalho educacional de qualidade.

Para trabalhar com alunos autistas Cunha (2016) afirma que a linguagem do professor deve ser a mais clara e simples possível, o professor precisa, antes de tudo, aprender a entender qual o sentido que o aluno dá às suas palavras. “Precisamos descobrir como penetrar em seu mundo imagético e simbólico” para trabalhar com alunos com extrema dificuldade comunicativa “[...] onde há déficit de comunicação” (CUNHA, 2016, p. 38). Uma das alternativas é o educador utilizar cartões com imagens ou figuras para incentivar a linguagem e a comunicação do aluno.

4 CONCLUSÃO

Diante dos estudos aqui apresentados, é possível então verificar que o Autismo é uma síndrome que compromete o portador na capacidade de comunicação, prejudicando a interação social e gerando estereotípias e interesses restritos. Esse comprometimento de comunicação e interação causa a dificuldade de trabalhar com esse aluno na sala de aula. Apesar dessa dificuldade o professor e os profissionais da educação precisam auxiliar o aluno em sua aprendizagem, e para isso, é imprescindível haver meios de fornecer-lhe interação social. Por meio dessa ajuda é possível ocorrer um melhor desenvolvimento nos níveis intelectuais, cognitivos, motores, sociais, ou seja, um desenvolvimento mais amplo para uma melhor qualidade de vida.

Portanto, é relevante a frequência do aluno portador de TEA no ambiente escolar, integrado num ensino regular, para participar e interagir com o professor e os demais alunos neurotípicos. Essa vivência proporciona diversas experiências, pois a criança incluída observa nas outras crianças formas de lidar com as diversas situações que auxiliam o desenvolvimento, e o ensino aprendizagem. Nesse sentido há a aquisição de conhecimentos de conteúdo acadêmico, e também de aspectos sociais que auxiliarão na vida pessoal desse aluno em sociedade.

Sendo assim, o primeiro passo na inclusão é conhecer o aluno, observá-lo, verificar o que ele faz, quais são seus interesses. Avaliar seus conhecimentos prévios para então trabalhar a mediação baseada no que o aluno conhece e gosta, para que as atividades a serem adquiridas tornem-se significativas e atraentes. O professor deve sempre buscar atividades curtas que explorem o cotidiano, e precisa utilizar o concreto junto ao lúdico, independente da faixa etária ou de desenvolvimento da criança.

REFERÊNCIAS

BOSA, Cleonice; BAPTISTA, Claudio Roberto & Colaboradores. **Autismo e Educação - Reflexões e Propostas de Intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2002.



CALLEGARI, Jeanne; VEROTTI, Daniela Talamoni. **A inclusão que ensina**. Rev. Nova escola, São Paulo: Ed. Abril, jul. 2009. Disponível em: < revistaescola.abril.com.br/formacao/inclusao-ensina-511186.shtml >. Acesso em: 01 Agos. 2017.

CAMPOS, Sionara Camargo. O Papel do Psicopedagogo no Atendimento de Crianças com Transtorno do Espectro Autista. *In*: VARGAS, Rosanita Moschini; SILVA, Luciana Ferreira da. (orgs.) **Psicopedagogia – Recursos e Práticas Clínicas**. Rio de Janeiro: Wak editora, 2018.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e Inclusão – Psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Wak editora, 2014.

_____. **Autismo na escola – Um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Wak editora, 2015.

_____. **Práticas pedagógicas para inclusão e diversidade**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Wak editora, 2016.

ORRÚ, Silvia Ester. **Autismo, Linguagem e Educação – Interação social no cotidiano escolar**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Wak editora, 2012.

SERRA, Dayse. **Sobre a inclusão de alunos com autismo na escola regular**. Quando o campo é quem escolhe a teoria. Revista de Psicologia, v.1n2, p.163-176, jul./dez. 2010. Fortaleza: UFC. Disponível em: <www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/download/66/65> Acesso em: 01 Mar. 2018.

_____. **Alfabetização de alunos com TEA**. V.1. 1ª ed. Rio de Janeiro: E-Nuppes editora, 2018.

WHITMAN, Thomas L. **O desenvolvimento do Autismo – Social, Cognitivo, Linguístico, Sensório-motor e Perspectivas Biológicas**. São Paulo: M. Books, 2015.

WILLIAMS, Chris; WRIGHT, Barry. **Convivendo com Autismo e Síndrome de Asperger**. São Paulo: M. Books, 2008.